



A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS DA SALA REFERÊNCIA COM A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS

Ana Cláudia Alves Bonfim¹

Deyse Alves Rocha²

Leila Lôbo de Carvalho³

Elenice de Brito Teixeira Silva⁴

RESUMO

Como devem ser pensados e organizados os espaços na Educação Infantil? De que forma estes ambientes repercutem na jornada e possibilitam ou constroem a autonomia dos bebês e crianças de uma EMEI? Essas foram algumas das inquietações e discussões realizadas no Programa Residência Pedagógica (PRP) e levaram alunos (as) residentes, professoras preceptoras e docente orientadora a pensarem em uma ressignificação do espaço da sala referência, para que esse ambiente fosse reestruturado com as crianças. Para isso, foi necessário ouvir as crianças e, desse modo, planejar o espaço com a participação delas. Neste artigo será relatado o que foi realizado até o momento a partir da proposta levantada pelos integrantes do PRP e quais são os próximos passos desta organização pedagógica. Carla Rinaldi (2017), Madalena Freire (1996) e Maria da Graça Souza Horn (2017) fazem discussões acerca da organização do espaço na Educação Infantil e defendem a construção de propostas que tenham a criança como centralidade. Os documentos orientadores da Educação Infantil, como as Diretrizes Nacionais Curriculares da Educação Infantil (DNCEIs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destacam a importância dessa organização e fundamentam nossa ação. O desenvolvimento desta proposta é um passo importante no longo processo de transformação do conjunto das práticas educativas que integra o espaço e materialidades na composição do ambiente e relações na EMEI. Um processo rumo à construção de uma pedagogia da infância junto com as crianças e suas famílias.

Palavras-chave: Educação Infantil, Residência Pedagógica, Espaços, Criança, Ressignificação.

UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

¹ Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação-Campus XII, Guanambi-Bahia, atua como bolsista do Programa Residência Pedagógica UNEB/CAPES, claudia.bomfim@hotmail.com;

² Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação- Campus XII, Guanambi-Bahia, atua como bolsista voluntária do Programa Residência Pedagógica UNEB/CAPES, Deisealvez12@gmail.com;

³ Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, professora da Educação Infantil da rede municipal Guanambi- Bahia, atua como preceptora do Programa Residência Pedagógica UNEB/CAPES, leilalobo@edu.guanambi.ba.gov.br;

⁴ Professora Orientadora: Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, professora assistente da Universidade do Estado da Bahia- Campus XII, Guanambi-Bahia, docente orientadora do Programa Residência Pedagógica UNEB/CAPES, elenbritoba@gmail.com.



A Educação Infantil caracteriza-se como a primeira etapa da Educação Básica e preconiza o cuidar e educar como ações indissociáveis no processo educativo de bebês e crianças de 0 a 5 anos de idade. Nesse contexto, o papel da escola é ampliar as possibilidades de experiências dos bebês e crianças pequenas, de forma a estimular o seu desenvolvimento integral, tendo como base os eixos estruturantes das práticas pedagógicas da Educação Infantil, as interações e a brincadeira, definidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009).

Essa é uma das principais áreas de atuação do pedagogo (a). Assim, durante o curso de Pedagogia, alguns programas possibilitam a aproximação do discente com a escola, para além do estágio obrigatório do curso e, desse modo, possibilita-se maiores vivências com a docência. Um desses programas é o Residência Pedagógica (PRP). A portaria nº 82 estabelece cinco objetivos específicos do PRP, sendo um deles “fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática de estudantes de cursos de licenciatura”, e outro, “estabelecer corresponsabilidade entre IES, redes de ensino e escolas na formação inicial de professores”.

Desse modo, pode-se dizer que o Residência atua como uma ponte entre Universidade e Educação Básica, o que possibilita trocas de vivências entre professores (as) atuantes e futuros docentes. Assim sendo, este artigo⁵ tem como objetivo descrever e analisar uma das práticas que vêm sendo vivenciadas e pensadas por preceptoras da escola campo, residentes do curso de Pedagogia e pela docente orientadora em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) do município do sertão produtivo baiano, Guanambi-Bahia.

Cada residente dispõe de 20 horas mensais, sendo 4 horas por semana na docência compartilhada, 1 hora para planejamento com a professora preceptora e os demais residentes da turma, além de um encontro mensal de 3 horas com todos(as) residentes, preceptoras e coordenadoras do PRP. Em um desses encontros, ao discutir e estudar sobre os espaços da EMEI e analisar a planta atual da sala referência, foi sugerido pela coordenadora uma reorganização com base em alguns princípios: a exploração e descoberta por parte das crianças, a acessibilidade dos materiais, o pertencimento cultural, a autonomia na construção de contextos de brincadeira.

A Educação Infantil possui algumas particularidades em relação às outras etapas da Educação Básica, dentre elas a organização dos espaços, visto que o processo educativo de

⁵ Resultado de Projeto de Residência Pedagógica em Educação Infantil.

bebês e crianças não acontece restrito à sala referência, mas para além dela. Em uma EMEI, os espaços são projetados com salas amplas, área reservada para o sono, móveis de fácil acesso que possibilitem autonomia, solário e pátio externo. Entretanto, o espaço não necessariamente precisa ser estático e finalizado. Esse, por sua vez, deve ser pensado e organizado de acordo com interesses e culturas das crianças que o habitam. Portanto, faz-se necessário reorganizar os espaços das crianças com a participação delas.

Para pensar nessa reorganização do ambiente das crianças é necessário ouvi-las, para desse modo planejar o espaço com a participação delas. É importante ressaltar que essa reestruturação do ambiente está em andamento. Assim, no decorrer deste texto será relatado o que foi realizado até o momento com a participação das crianças e quais são os possíveis próximos passos desta mudança.

Para além dessa seção introdutória, o texto do artigo se subdivide nas seguintes seções: percurso metodológico, resultados e discussões subdivididos em duas subseções: “um convite para pensar a ressignificação do ambiente” e “o ambiente da criança com sua participação e identidade. Para fechar a discussão, temos algumas considerações apontadas a partir da descrição da experiência.

PERCURSO METODOLÓGICO

O universo da pesquisa é o município de Guanambi-Bahia, situada no sertão produtivo. O espaço campo da residência e da nossa investigação é uma turma de 3º período de uma EMEI⁶ do município. A turma é composta de vinte e três crianças entre 3 a 4 anos de idade. Entre estas, 8 meninas e 14 meninos, que frequentam em turno integral com atendimento de dez horas diárias. Esse espaço conta também com duas assistentes de crianças com necessidades educativas especiais, quatro professoras, no modo docência compartilhada, sendo uma delas a preceptora do PRP, e atualmente, 7 residentes do curso de Pedagogia de uma universidade pública.

Nossa reflexão, neste artigo, parte de uma atividade de docência como pesquisa em uma abordagem qualitativa, em que os residentes são observadores participantes, uma vez que auxiliam no planejamento e na realização das práticas de cuidado e educação das crianças, além

⁶ É uma instituição que tem uma estrutura física que favorece a participação e autonomia das crianças, pois foi construída de forma colaborativa entre a União e o município de Guanambi-Bahia, por meio do Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos da Rede Escolar Pública de Educação Infantil (Proinfância), cuja estrutura física é contemplada pelo projeto do Proinfância Tipo C.

de deter um olhar sensível e investigativo durante a rotina diária e contextos de experiências. Madalena Freire (1996) aponta que é essencial uma observação que envolva atenção e presença, tendo em mente a construção de um olhar ativo no processo de construção do conhecimento. A partir disso, consideramos que na Educação Infantil, observar é também escutar as crianças, suas intenções, desejos, curiosidade e necessidades de desenvolvimento. Rinaldi (2017, p.124) define a escuta como “metáfora para a abertura e a sensibilidade de ouvir e ser ouvido - ouvir não somente com as orelhas, mas com todos os nossos sentidos (visão, tato, olfato, paladar, audição e também direção)”. Assim realizou-se uma escuta com um pequeno grupo da turma do 3º período para saber o que eles gostariam que tivesse na escola.

Para além da escuta, as narrativas e registros gráficos oriundos das conversas com as crianças também foram utilizados como instrumentos nesta pesquisa, assim como as plantas da sala referência, antes e depois do planejamento da nova sala. Os registros audiovisuais das narrativas das crianças e anotações do diário de campo das residentes também foram usados para a organização dos materiais.

Esse material faz parte da análise documental, que, para Loris Malaguzzi (apud RINALDI, 2017, p. 129), “é vista como a escuta visível, como a construção de traços (por meio de notas, slides, vídeos e assim por diante) que, além de testemunhar os processos e trajetórias de aprendizado das crianças, também os tornam possíveis por serem visíveis”. É importante salientar que a EMEI não autoriza o uso público de imagens das crianças, para tanto as fotografias serão alteradas, quando necessário, para preservar a identidade das mesmas, além da preservação do nome da escola e das crianças, por questões éticas.

Quanto ao referencial teórico, consideramos primordiais para nosso embasamento as professoras e pesquisadoras Carla Rinaldi (2017), a qual faz diálogos com a abordagem de Reggio Emilia⁷, e Madalena Freire (1996). As autoras abordam sobre a Educação Infantil, a organização do espaço e do trabalho pedagógico, além de defenderem a escuta e observação como pontos chaves para construção de propostas que tenham a criança como centralidade.

Maria da Graça Souza Horn (2017) também faz discussões acerca da organização do espaço na Educação Infantil, afirmando que sua organização não é neutra, e sim, pautada em intencionalidades, valores, crenças, ideologias e conhecimento. Além dessas autoras, os documentos curriculares orientadores da Educação Infantil também são importantes para nossa discussão, sendo estes documentos as Diretrizes Nacionais Curriculares da Educação Infantil

⁷ Abordagem educacional proposta pelo professor e pedagogo Loris Malaguzzi, a qual defende uma educação humanizada, com um olhar voltado para a escuta, interesses, potencialidades e habilidades da criança.

(DNCEI) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2010 e 1018, respectivamente, por indicarem o espaço, tempo e materiais como estruturantes dos espaços.

UM CONVITE PARA PENSAR A RESSIGNIFICAÇÃO DO AMBIENTE

Após os estudos e discussão em um dos encontros formativos do Residência, o qual teve como pauta a reorganização dos espaços, as professoras preceptoras relataram as suas inquietações em relação à quantidade de cadeiras e mesas na sala referência, as quais ocupavam o espaço, deixando-o apertado e a ideia de escolarização, como se cada criança tivesse que ficar sentada em seu devido lugar.

Nesse cenário, a docente orientadora provocou o grupo com o questionamento acerca da escolarização na Educação Infantil, que difere da concepção defendida pelos documentos curriculares dessa etapa da Educação Básica e nas Pedagogias da infância (BARBOSA, 2010) que posicionam a infância das crianças e, seu modo concreto de vivenciar e descobrir, na elaboração de propostas e ações pedagógicas. Ao concordarmos com o fato de que não há necessidade que haja uma cadeira para cada criança, foi levantada uma discussão do que fazer para reorganizar o espaço. Ficou decidido que o primeiro passo seria a retirada da maioria das cadeiras e mesas. Na figura 1, podemos ver o antes e depois da sala referência após essa alteração.

Figura 1: Sala de referência antes/depois



Fonte: Arquivo do PRP, 2023.

Como já pontuado, essa mudança foi apenas o primeiro passo. Como vemos na figura 1, com a quantidade reduzida de cadeiras o espaço ficou vazio e esse esvaziamento não é o que consideramos a resignificação do espaço. Não é apenas retirar móveis, mas trazer um novo sentido para o local. Desse modo, a proposta é que este espaço seja preenchido por contextos de experiências fixos, e tornar-se, o até então vazio, em pequenos ambientes que possibilitem as vivências da (s) cultura (s) da infância e do mundo à nossa volta.

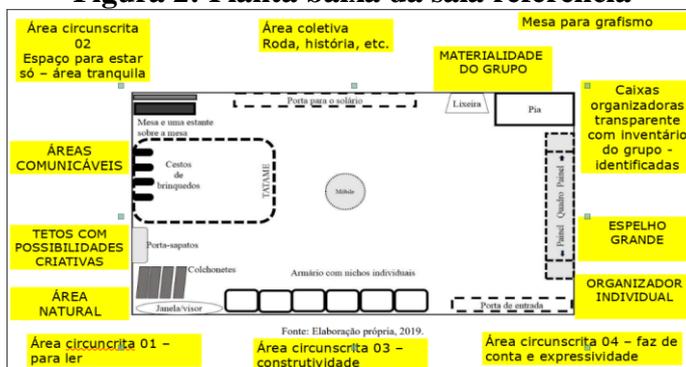
Pensar e organizar os contextos, fixos ou não, na Educação Infantil conecta-se à visão e conhecimento sobre as crianças pertencentes ao grupo e principalmente às suas necessidades e direitos. Conhecer a rotina diária e entender que a forma como é organizado e se dispõe os espaços e materiais, interfere diretamente nas condições sociais de desenvolvimento, na criação de possibilidades de interações, brincadeira e experiências vivenciadas pelas crianças. Para tanto, é necessário entender também que espaços e ambientes, embora conectados, possuem significados diferentes.

O termo “espaço” refere-se aos locais onde as atividades são realizadas e caracteriza-se pela presença de elementos, como objetos, móveis, materiais didáticos e decoração. O termo “ambiente”, por sua vez, diz respeito ao conjunto² desse espaço físico e às relações que nele se estabelecem, as quais envolvem os afetos e as relações interpessoais dos indivíduos envolvidos nesse processo, ou seja, adultos e crianças (HORN, 2017, p.18).

Ao planejar a reorganização dos espaços físicos em ambientes de aprendizagem, o educador deve compreender a necessidade da presença de intencionalidade na disposição dos materiais e espaços. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 39) “parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças”.

Nessa perspectiva, pensar uma reorganização dos espaços é intencionar um local que seja convidativo a brincar, interagir e explorar de forma a possibilitar o desenvolvimento integral da criança. Na figura 2, logo abaixo, temos a planta da sala de referência, elaborada coletivamente pela coordenadora, preceptora e residentes, com algumas observações do que pretende-se fazer.

Figura 2: Planta baixa da sala referência



Fonte: Arquivo do PRP, 2023.

Outro ponto observado e discutido pelo grupo, foi sobre a disposição dos colchões das crianças, os quais ficavam até então empilhados sobre um armário. Por que não organizar esses

colchões de uma forma que fique ao alcance da criança? Uma pequena alteração que proporciona a autonomia e independência na hora do sono, além de deixar o ambiente esteticamente mais agradável. A proposição é que eles fiquem dispostos sob a bancada da pia, numa altura ideal para alcance das crianças, tanto para pegar quanto para guardar.

Nesse processo de ressignificação, a participação das crianças é primordial, tanto na expressão dos desejos quanto na produção das materialidades do grupo, para que, desta forma, a sala tenha de fato a identidade e as produções culturais das crianças que ali frequentam. Isso porque compreendemos a criança como um sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (conforme defendido na Resolução CNE/CEB nº 5/2009). Nesse sentido, é importante que toda ação pedagógica leve em consideração a importância de as crianças expressarem seus desejos e necessidades, participarem da produção das materialidades que evidenciem o valor estético e afetivo na construção de sua identidade.

A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS NA ORGANIZAÇÃO DA SALA REFERÊNCIA

Na intenção de ouvir algumas das “cem, as mil linguagens e códigos” (RINALDI, 2017, p.124) das crianças, a professora preceptora proporcionou um contexto de registro gráfico, com suporte de tecido de algodão branco e caneta para tecido para que as crianças pudessem expressar seus desejos em relação à organização da sala referência. Antes de iniciar os desenhos, a professora pergunta: “O que não tem na nossa escola e que você gostaria que tivesse?” A partir da pergunta, registramos os seguintes diálogos:

Laura (4 anos e 3 meses):

— *Eu queria que tivesse doces e vários anéis para colocar nos dedos e várias maquiagens e batons para eu ficar bonita!*

— *Mas você já é muito bonita! E onde essas coisas iriam ficar?*—
indaga a professora.

— *No quatinho! Agora vou desenhar o anel, a maquiagem, o batom, colares. O batom é rosa! (...)* — Disse Laura.

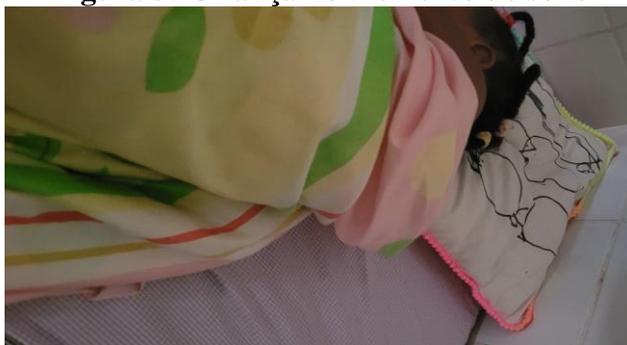
Sofia (4 anos e 4 meses):

— *Um cavalo de verdade. Aqui ó, os olhos e os cílios dele. Vou fazer todo o cavalo e o caminhão de bombeiro!*

Rinaldi (2017, p. 125) aborda que a escuta “tira o indivíduo do anonimato, que nos legitima, nos dá visibilidade, enriquecendo tanto aqueles que escutam quanto aqueles que produzem a mensagem”. Assim, ao ouvirmos as crianças, damos a elas visibilidade e participação, além de promover a contextualidade das práticas e de nossa ação pedagógica.

Nesse contexto de visibilidade e legitimação das falas das crianças, percebemos que as crianças têm em comum a reivindicação por uma escola com coisas de verdade. Elas não querem penduricalhos! Querem animais e coisas de verdade e um espaço para se sentirem bonitas. Elas querem uma escola que amplie os horizontes da imaginação e que cada canto seja sempre um convite a brincar e se expressar. É importante salientar que os registros gráficos produzidos por elas, foram transformados em almofadas que iriam compor o contexto fixo de literatura e descanso, entretanto, as crianças acabaram por ressignificar o uso das almofadas, como mostra a figura 3.

Figura 3: Criança no momento do sono



Fonte: Arquivo do PRP, 2023.

Outra proposta com a participação das crianças foi a confecção de toalhas de mesa com carimbos de frutas para serem utilizadas na rotina de alimentação: café da manhã, almoço, hora da fruta e janta, para desse modo tornar esses momentos mais acolhedores e familiares. Para isso, usou-se duas toalhas, uma azul e outra amarela, tintas de tecido, pincéis, frutas e folhas.

Essa produção cultural foi realizada em dois momentos: No primeiro, a professora cortou em fatias algumas frutas (limão, banana, goiaba e maçã). Pela textura da melancia não favorecer para o carimbo, foi cortado o formato de uma fatia dessa fruta em uma batata, pois a melancia é uma das frutas preferidas pelas crianças desta turma. Também usamos rodela de cenoura, as quais formaram cachos de uva. Antes de colocar a mão na massa, ou melhor na tinta, colocamos uma mesa e dois bancos do refeitório no solário e, conforme as crianças iam acordando da hora do sono, eram convidadas a expressarem suas ideias com uso de tintas e formas. No segundo momento, foram oferecidas folhas de diferentes formas e tamanhos como marcadores para a

pintura na toalha. Inicialmente, algumas crianças ficaram receosas em relação à proposição, mas logo abriram-se para essa vivência e queriam fazer várias frutas diferentes na toalha, inclusive recusando-se a utilizar formas das frutas como marcante na pintura. A resistência indica a liberdade de criação que foi acolhida por nós.

No contexto de pintura, conversávamos com as crianças: - *“Na casa de vocês tem toalha de mesa? Quais frutas estão sendo usadas? Vocês gostam dessas frutas?”*. Assim, foram surgindo muitos diálogos. Algumas crianças apontaram que, na casa, a mesa era de vidro e por isso não tinha toalha. Outras, ao descobrirem que a toalha seria usada nos momentos das refeições, afirmaram que o local ficaria muito bonito. A pintura com uso de folhas como marcadores ocorreu da mesma maneira. Na figura 4, podemos ver parte desse processo e na figura 5 o uso de uma das toalhas na celebração dos aniversariantes da turma do mês de agosto.

Figura 4: Pintura com uso de frutas como marcadores



Fonte: Arquivo do PRP, 2023.

Figura 5: Comemoração aniversariantes do mês



Fonte: Arquivo do PRP, 2023.

Madalena Freire (1983, p. 15) aponta que “se a prática educativa tem a criança como um de seus sujeitos, construindo seu processo de conhecimento, não há dicotomia entre o cognitivo e o afetivo, e sim, uma relação dinâmica prazerosa de conhecer o mundo”. Nesse sentido, no

que foi feito até então, é perceptível que ressignificar o espaço proporcionou às crianças experienciar esse movimento, criar narrativas e, principalmente, recriar os significados.

O envolvimento das famílias nesse processo tem sido fundamental, pois além de compartilhar o cuidado, compartilhamos o compromisso em transformar os espaços da EMEI em um ambiente mais afetivo e acolhedor. Solicitamos das famílias um pedaço de tecido para construirmos uma colcha de retalhos, que foi pintada pelas crianças e confeccionada para compor o ambiente da sala onde será organizado a área de leitura. Podemos ver essa colcha na figura 6.

Figura 6: Colcha de retalhos - Produção/resultado final



Fonte: Arquivo PRP, 2023.

Além disso, após a pintura das toalhas para o refeitório, a avó de uma das crianças da turma se disponibilizou a costurar a barra das toalhas. Solicitamos ainda a doação de utensílios de cozinha e muitas famílias fizeram a doação de objetos como: colheres, panelas de alumínio, copos, tigelas e outros objetos que serão utilizados no canto para a brincadeira de casinha.

ÚLTIMAS PALAVRAS

A criança tem cem linguagens (e depois cem cem) mas roubaram-lhe noventa e nove. A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo.

(Loris Malaguzzi, 2005).

O desenvolvimento desta proposta tem revelado que é preciso reestruturar o espaço da Educação Infantil, de forma a garantir que a criança possa ter liberdade para escolher e acessar tudo que compõe o ambiente escolar. Um espaço que requer a presença do adulto o tempo todo como um entregador de coisas, objetos, brinquedos, contrapõe-se a uma concepção de criança

como sujeito potente e a coloca em um lugar de sujeito passivo, dependente e consumidor do que o adulto escolhe e oferta.

Ainda há muito o que transformar no ambiente e nas relações na EMEI, mas estamos em percurso de um caminho que já é consolidado há muitos anos nas escolas que acreditam e constroem uma pedagogia da infância e que nos convoca a continuar insistindo na mudança que queremos ver em pequenos detalhes do cotidiano com as crianças. Transformar esse espaço passou a ser um compromisso ético com o direito das crianças à participação.

Outro ponto relevante no percurso tem sido o compartilhamento desse projeto de ressignificação do espaço da sala referência entre o Residência Pedagógica, as crianças e suas famílias, pois têm se apresentado como uma alternativa viável para transformar e fortalecer a identidade da escola de Educação Infantil pública como lugar de construção de sentidos e experiências com as crianças e com o ambiente escolar em sua integralidade. Nesse sentido, defendemos programas de formação docente, a exemplo do PRP, que possibilita a inserção do estudante em contextos educativos, a vivência de práticas de pesquisa com as crianças, o compartilhamento da docência concreta frente aos processos de ressignificação sociais cotidianas, além de constituírem suportes necessários ao trabalho docente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

HORN, M. G. S. **Brincar e interagir nos espaços da Escola Infantil**. Porto Alegre, RS: Editora Penso, 2017. KISHIMOTO, T. M.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. 12 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Madalena . **Observação, registro e reflexão**. Instrumentos Metodológicos I. 2ª ED. São Paulo : Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora**. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.